

AVENÇA

# A REGENERAÇÃO

Semnário regionalista e cultural

Este jornal foi visado pela  
Comissão de CensuraDirector Literário—Dr. João Leal da S. Tendeiro  
Composição, impressão e Redacção na  
Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense  
FIGUEIRO DOS VINHOS

## Efficiencia dos serviços técnicos

NO meio de tanto prejuizo, alguns aspectos surgiram da vida portuguesa que justificam confiança serena no futuro.

Antes de mais, deve sublinhar-se a acção do governo, exercida por intermédio do Ministério das Obras Públicas e da Economia, não só no sentido de restabelecerem os meios de comunicação indispensável à actividade económica e social do País, mas também com o fim de iniciarem a execução dos trabalhos reparadores de todas aquelas obras e fontes de riqueza que ainda poderão ser aproveitadas.

A agricultura, especialmente pelo que respeita ao arvoredo, foi um dos sectores da economia nacional que mais sofreu, visto registarem-se, por toda a parte, verdadeiras devastações.

Pois o Ministério da Economia, em face das informações que lhe chegavam das diferentes regiões, tratou prontamente de despertar os trabalhos de aproveitamento do que era susceptível de o ser, e apontando a necessidade de se atenuar, na medida do possível, as consequências dos prejuizos causados pelo temporal.

E não se julgue que é puramente teórica esta atitude do Ministério da Economia. Em todo o País, o pessoal dos serviços especializados — Estações, Postos Agrários e Brigadas Técnicas — prestaram os melhores serviços, concedendo aos lavradores a assistência técnica e todas as informações necessárias ao aproveitamento de árvores de fruto arrancadas pelo vendaval.

Toda a nossa actividade oficial constituiu, pelo menos para nós, uma grande surpresa.

Habitados como estávamos a assistir a intervenções meramente burocráticas, por parte do Estado, em vez de prestar auxílios técnicos a quem deles precisava — as medidas applicadas pelos referidos Ministérios das Obras Públicas e da Economia são a prova evidente e irrefutável de que os nossos serviços públicos estão mais aptos a satisfazer, com brevidade e eficiência, as necessidades sociais que apareçam.

Ora isto é um sinal de progresso e de aperfeiçoamento das nossas condições de vida colectiva.

## Trabalhar mais e melhor Dr. Manuel Deniz Henriques

Cumprimentámos nesta vila o sr. dr. Manuel Deniz Henriques, abastado proprietário em Castanheira de Pera.

cionais que nada pode deter no seu caminho ascensional.

Todos os jornais espanhóis publicaram recentemente, sob o título «Portugal y España—solidários en la adversidade», uma nota em que se salienta a irmandade de destinos que liga Portugal e a Espanha, na glória e na dôr. «Del examen de estas contingencias impresibles e inevitables sacamos, para consuelo purissimo, la reflexion que enlaza una vez más a España y Portugal en una comunidad de destinos, bien patente a través de la História, con gemelas vicisitudes, parejos empernos misioneros y civilizadores, con la misma cruz en el estandarte, idénticas alegrías y los mismos lutos.»

Uma tempestade de extraordinária violência assolou a Península, derrubando árvores e casas, inutilizando colheitas, provocando incêndios. Portugal e Espanha sentiram na sua carne os duros golpes das grandes desgraças nacionais. Isso, porém, é já o passado. Um passado recente, triste, doloroso mas perante o qual o presente é uma magnífica afirmação de vontade construtiva e forte, o futuro é uma esperança de novas claridades. O que é indispensável, o que começou já a fazer-se, é trabalhar mais e melhor: que cada um de nós sinta bem o peso das suas responsabilidades e procure, no seu campo de acção, contribuir cada vez mais intensamente para a obra de reconstrução que é necessário realizar. Portugal e Espanha, sob o comando dos seus chefes, dão ao mundo o exemplo de duas Revoluções Na-

## General Carmona

Há treze anos que o sr. General Carmona foi eleito, pela primeira vez, para a Presidência da República facto que marcou uma etapa decisiva para o resgate da Nação.

Fez no próximo passado dia 25 do corrente 13 anos sobre a primeira eleição do sr. General Carmona para a Presidência da República. A dois anos, apenas, do movimento de 28 de Maio, quando ainda se viviam horas de incerteza e de profunda preocupação quanto ao rumo que o movimento havia de tomar, a eleição do sr. General Carmona definiu o sentimento português, sancionou o esforço patriótico e o zelo que o ilustre militar despendeu para alcançar a união completa do Exército e marcou a decisão, em que o País estava, de caminhar para o resgate sob a direcção de quem se revelara animoso, inteligente, nobre e forte para a exercer.

Nos treze anos decorridos, o povo português só tem que felicitar-se pela escolha de tão prestigiosa figura para Chefe supremo da Nação.

## Somos cem milhões

Apoiando e aplaudindo uma sugestão da revista «Ocidente», de Lisboa, acerca da necessidade e vantagens do ensino obrigatório da História de Portugal nas escolas brasileiras e do ensino também obrigatório da História do Brasil nas escolas portuguesas—em artigo especial para o «Correio do Povo», de Porto Alegre — Porto Alegre, outrora Porto dos Cascais, em memória das famílias ou «casais» açorianos que o povoaram...—Pedro Calmon escreve:

«A língua portuguesa, falada hoje por uma centena de milhões de indivíduos, será amanhã o vínculo moral de 150, de 200 milhões de pessoas. O império resultante da expansão portuguesa no globo responderá em breve ao sonho dos navegantes que, na era manuelina, quebraram o encanto dos oceanos».

Somos hoje cem milhões, cem milhões de pessoas que falam português, que são portuguesas na sensibilidade e na inteligência—assim o proclama o escritor brasileiro Pedro Calmon.

Somos hoje cem milhões, com milhões de pessoas espalhadas por toda a terra a demonstrar a grandeza e a eternidade das duas nações de lingua portuguesa.

Por isso confiamos no futuro; por isso encaramos o futuro com serenidade e com fé; por isso nos sentimos com direito a pedir ao futuro esse império de que fala Pedro Calmon — o império que sonharam os navegantes de quinientos.

## «Emigração de Portugal

## e a colonização de Angola,,

O Sr. António Olivais publicou há tempos no «Correio da Manhã» uma série de artigos que, embora com títulos diversos, se ligam com o problema da colonização de Angola.

No progresso desses artigos intitulado «Ouro Humano» refere-se a uma recente resolução do Conselho de Emigração e Colonização do Brasil, pela qual se infere que o Governo Brasileiro pretende obter uma Emigração de Portugueses para o Brasil de muitas dezenas de milhares de homens.

Diz e muito bem, o sr. António Olivais que a ser permitida e regulamentada essa emigração, deve Portugal receber uma contra partida.

Essa emigração de portugueses para o Brasil conjuga-se com um forte empréstimo dos Estados Unidos ao Brasil para execução de um vasto plano de fomento, em que esses Portugueses vão cooperar e assim, entende o sr. Olivais que essa contra partida deve ser o pagamento e transferências dos juros da dívida brasileira em mãos de portugueses de forma análoga ao que o Brasil concede aos Estados Unidos em troca do empréstimo.

Isto é perfeitamente justo, e seria a contra partida material.

Quanto às garantias de ordem espiritual, são também muito judiciosas as considerações do sr. Olivais, mas se vingar a resolução do Conselho de emigração do Brasil pela qual se declara ser impossível aceitar que aos emigrantes portugueses a assistência médica seja feita por médicos portugueses, outra forma de assistência geral lhes poderá e deverá ser dada,

O ouro humano tanto pode ser branco como preto e não se concebe que se dê maior segurança e assistência aos pretos de Moçambique que vão trabalhar para o «Rand» ou aos de Angola que vão para S. Tomé, do que portugueses brancos que forem para o Brasil.

No Transval existe uma Curadoria Portuguesa, que olha e zela pelo bem-estar, direitos e deveres dos pretos de Moçambique.

Assim também uma emigração em grande escala de portugueses para o Brasil, autorizada pelo Governo da Nação, deveria implicar a criação de uma Curadoria Portuguesa Central no Brasil com Delegações nos diversos Estados daquele país.

Os emigrantes deveriam ir com contratos que especificassem os salários mínimos, o género de trabalhos e direitos de repatriação gratuita ao fim de certo número de anos.

O segundo e o terceiro artigos do sr. António Olivais intitulam-se «Emigração para Angola», e «Colonização de Angola».

Diz com indiscutível razão o sr. Olivais que dispendo Portugal de tão vastos territórios ultramarinos, é para eles, e em especial para Angola, que deveríamos procurar encaminhar a nossa emigração, de preferência ao Brasil.

Para isso é preciso criar em Angola condições capazes de atrair colonos novos e de os fixar. Ora o colono só será atraído quando tiver a certeza de que vai ali encontrar melhores condições de vida do que as que tem na metrópole.

E' este o objectivo a que devem visar os métodos ou sistemas de colonização, a qual pode ter caracter oficial ou particular.

A primeira pode fazer-se ou directamente pelo Estado utilizando os serviços oficiais, ou por companhias por elle organizadas para esse fim.

A segunda obtém-se promovendo o desenvolvimento de capitais na colónia que arrastarão a necessidade de empregados que acimatando se a Angola e aprendendo sob a protecção desses capitais, por vezes, se fixam depois na colónia, de conta própria, applicando os ensinamentos que colheram.

A colonização official directa já por vezes se fez em Angola, mas os resultados não provaram bem. Quais as causas desse insuccesso? Foram várias mas entre ellas, podemos citar como principais as seguintes:

Má escolha dos colonos; falta de sequência no apoio material e moral do Estado e insufficiente duração do mesmo; falta de técnicos suficientes que acompanhassem e dirigissem a acção dos colonos; dispersão demasiada dos colonos, que isolados sofrem a neurastenia da vida que os deprime moral e fisicamente; anos de más colheitas ou de baixas do mercado que lhes acarretaram prejuizos; finalmente a falta de capital inicial e de recursos suficientes com que pagassem a pretos auxiliares indispensáveis a qualquer trabalho agrícola em Angola. Sendo a vida ali mais cara do que em Portugal e menor o valor dos produtos agrícolas, o colono tem de cultivar áreas muito superiores, dezenas de vezes maiores do que aquelas que em Portugal lhes bastariam para as suas necessidades, não as podendo trabalhar sozinhos. A Companhia

(Continua na 2.ª coluna da 2.ª página)

# AGUA VAI

Dizia o grande escritor de lá de fora que Deus o guardasse de alguém o acusar de ter levado às costas a Igreja de Nossa Senhora de Paris, um dos maiores e melhores monumentos religiosos do mundo.

E dizia outro que a calúnia é como o carvão: por onde passa, se não enodoa, suja. É uma grande verdade. O caluniador é um dos seres mais abjectos e prejudiciais da humanidade, porque a boa reputação é tão necessária, quasi, como o pão. Para se ser feliz entre a sociedade é indispensável gosar de bom nome. Sem boa reputação ninguém pode ter bom crédito, que constitui a melhor parte do património de cada qual.

É uma riqueza espiritual tão grande que não pode ser avaliada. Se o caluniador fôsse capaz de pesar bem a sua obra horrificar-se-ia de si mesmo só de lembrar-se de cometer semelhante crime. Mas desgraçadamente não é raro este crime, pasto dos mais baixos sentimentos, fruto das almas vis.

Pratica-se por duas maneiras. Uns colonizadores fazem-no às escâncaras, outros, que são piores, sem a má coragem da responsabilidade das suas más acções, servem-se dos ouvidos das pessoas com quem tratam, soprando-lhes baixinho perto dos ouvidos: «Diz-se».

Formula cobarde, demasiadamente avelhacada, uzada só pelos caluniadores de officio. «Diz-se». Se lhe perguntarem quem o diz respondem que não sabem quem, embora com a certeza de que só eles o dizem.

Com o asqueroso «diz-se», tão pequenino no tamanho e tão enormemente grande nos efeitos, tem-se praticado no mundo as maiores maldades. Inocentes sem conto lhe têm experimentado a agudeza do seu gume venenoso.

De tudo se poderá defender o homem, de um «diz-se» não é fácil, se não impossível.

Os Judeus, querendo desfazer-se de Jesus serviam-se largamente do «diz-se» e Jesus, que bem lhe conhecia quanto valiam, não respondia, ou limitava-se a dizer-lhes: Vós o dissestes.

O melhor industrial, o mais correcto comerciante, o cidadão de melhores qualidades em presença do ataque de um «diz-se», vago, sem paternidade, há-de-lhes ser muito custosa a defesa.

Ai daquele a quem por um «diz-se», quizeram atacar na honra, ou seja no que for!

João de Cima

## Ignorância

Perto da aldeia de Burupur, uma indiana de sessenta anos de idade resolveu, de acordo com o costume hindú, morrer numa pira funerária.

Ao sacrificio assistiam parentes, conhecidos e amigos. Quando já estava na fogueira, a vítima voluntária, como que recobrou a consciência de que se passava, e sentou-se no meio das chamas.

As pessoas que assistiam ao sacrificio pensaram que um espirito mau se apossara dela, pelo que começaram, immediata e furiosamente a agredi-la à paulada, ferindo-a gravemente, na cabeça.

Finalmente a vítima foi socorrida pela policia, que a salvou das chamas e a livrou do furor dos amigos e parentes levando-a para um hospital de Calcutá, onde se encontra em estado grave devido não só às queimaduras, como às pauladas, que lhe deram.

# Partida

Vai soar a hora de despedida  
São férias.—tempo é de descansar!  
Meu coração pede-me p'ra ficar,  
Porém, chama-me quem me deu a vida.

Minha alma levo envôlta em alegria,  
Pois vou ver os meus, minha santa mãe...  
Levo o coração a chorar também.  
Pois deixo... — Quem? — Uma gentil Maria!

Tôda a alegria tem o seu desgosto!  
assim, sem saber, num dilema pôsto,  
Não sei, deveras, como hei-de fazer.

Interrogada, diz-me a consciência  
Do mais alto cume da sua ciência:  
— Parte e parte já, cumpre o teu dever.

Coimbra 12-2-941

J. M. Roble

## Emigração de Portugal e a AGUA MOLE Colonização de Angola

(Continuado da 1.ª página)

do Caminho de Ferro de Benguela entregou a cada colono 30 hectares desbravados e arroteados.

A colonização por meio de Companhias organizadas para tal fim, não têm sido em Angola levadas a efeito, e experiências deste género feitas em algumas outras colónias não têm dado resultados satisfatórios. A Companhia do Caminho de Ferro de Benguela tem, de há quatro anos a esta parte, feito experiências muito interessantes e nos resultados dessas experiências se baseou o sr. Olivais para lançar a ideia de o Estado promover a organização de uma sociedade de Colonização com um capital de 100:000 contos à qual o Estado desse uma garantia de juro mínimo de 5%.

É talvez cedo ainda para se mexer neste caminho, embora elle seja merecedor de estudo. Convem esperar mais dois ou três anos para ver os resultados e ensinamentos seguros que a interessante experiência do Caminho de Ferro de Benguela nos dará.

Mas só assim se pode colonizar Angola, a mais importante parcela de Portugal Ultramarino.

Bela Vista de 1940.

SABREU

## Equiparação do trabalho no campo com outras profissões

Segundo diz o «Nya Dagligt Allehanda» a instituição do governo que trata dos problemas da alimentação no Reich, O «Reichsnaehrstand», já em 1934 ordenara medidas com o fim de elevar o nível e a posição do trabalhador rural. Na Academia para Legislação Alemã foi agora preparado um projecto de lei, pelo qual todo o alemão dos 14 aos 18 anos tem de ser aprendiz de maneira que, no futuro, não haverá jovens que não tenham aprendido uma profissão. Pela regulamentação desta parte tão importante da vida do individuo, cada qual terá possibilidade de desenvolver e dar provas daquilo que está em si e, muito em especial, as profissões agrícolas ficam equiparadas a quaisquer outras profissões. Distinguem-se, está claro, aqueles que são mestres e os trabalhadores especializados, tendo máximo valor aqueles que chegam a mestres. Os

## O cão

Conta Plutarco (diz Ernesto Menault) o caso de um romano chamado Calvus, que foi morto nas guerras civis, e ao pé de cujo cadáver pessoa alguma conseguiu chegar sem que o cão dele, que lhe guardava o corpo, fosse trespassado às lançadas pelos assassinos reunidos em sua volta.

O cão, diz madame Eugénia Guerim, é um animal tão alegre, tão acariciador, tão nosso... É certo, mas, por muito que o cão seja nosso, nós, que o dono, é sempre muito mais dele...

O caso contado por Plutarco e tornado publico na actualidade por Menault parece comprova-lo satisfatoriamente.

Ainda no intuito de elevar esse animal precioso no conceito alheio escreveu madame Adriana Neyrat: «Entre a espécie humana encontramos facilmente amigos ou pelo menos conhecidos que nos não abandonam nem na abundância nem no prazer; são porem poucos os que estão conosco nos periodos de tristeza ou de miséria, e assim não podemos prescindir dos carinhos, lamentos e consolações dos animais. Que incedível eloquência a do olhar do cão quando pouso o fochino amigo nos joelhos do lacrimoso dono.»

Outra senhora, esta compatriota nossa pergunta algures (D. Olimpia Doria):

«Quantas vezes nos sentimos isolados entre uma multidão festiva que ulula descuidada, quando um cão de instintos affectuosos nos vem enternecer com o seu olhar expressivo e o calor de uma carícia?»

Que nem sempre retribuimos, por sinal, por isso que, feis adeptos das doutrinas espalhadas pelos d'ários de noticias portuguesas, mais vezes achamos o cão merecedor de uma violência que duma carícia...

Junho 1932.

Luiz Leitão

operários especializa-los são empregados unicamente no ramo em que se especializaram. Podem, no entanto, mudar para outros ramos, se assim, o quizerem. Todo o trabalhador de campo que esteja de posse da carta de trabalhador rural pode, após dois anos, fazer o seu exame de agricultor, exame este que lhe concede muitas regalias, entre ellas a obtenção de certificado de novo—camponês que muito valor tem na Alemanha nova.

## O Senhor Bispo de Leiria

Proibiu as procissões dentro da vila de Porto-de-Mós por causa de desacatos ali cometidos por vários individuos

O Senhor D. José Alves Correia da Silva, Venerando Bispo de Leiria, publicou a seguinte provisão, datada de 13 deste mês:

«Chegou até nós a triste noticia de um desacato praticado na Vila de Porto-de-Mós na Quarta-feira de Cinzas em que numa paródia de enterro se ridicularizaram as cerimónias da nossa santa religião e o Rev. Clero.

Considerando:

1.º — que já no Entrudo individuos dali se entregaram publicamente a divertimentos carnavalescos nestes tempos em que tantas nações estão desgraçadas pela guerra que dum momento para o outro pode assolar também o nosso país:

2.º — que esses estúpidos divertimentos, aliás prohibidos pelo Governo da República Portuguesa, não se realizaram este ano em nenhuma povoação do país a não ser em Porto-de-Mós:

3.º — que esse ridículo e burlesco entêrro, já na quadra da Quaresma, foi acompanhado pela filarmónica da Vila.

Resolvemos:

1.º — Lamentar o procedimento dos individuos que tomaram parte, aplaudiram ou consentiram tais actos:

2.º — proibir as procissões religiosas dentro da Vila de Porto-de-Mós:

3.º — proibir que a filarmónica da Vila tome parte em quaisquer cerimónias religiosas dentro da nossa diocese.

Esta Nossa Provisão será lida à Estação das Missas paroquiais.»

## Correspondências

Chão de Couce, 25 de Março de 1941

Fiscalização do Grémio de Retalhistas de Mercarias — No passado dia 21 esteve nesta vila uma brigada da fiscalização do Grémio dos Retalhistas de Mercarias, composta por três fiscais. É a primeira vez que aqui vem esta fiscalização o que aliás era já de absoluta necessidade, pois nota-se uma tão grande irregularidade nos preços que o comerciante que quizesse ser cumpridor se via em sérios embarços. Consta terem sido levantados alguns autos por falta de cumprimento das tabelas officiais.

Conferências Religiosas. — Encontra-se nesta vila em pregação o Rev. Frei Jerónimo, religioso capuchinho, que vem fazendo uma agradabilíssima série de conferências religiosas, na igreja desta vila. S. ex.ª que mostra claramente as suas grandes faculdades de intelligência e grande pregador, tem atraído a esta igreja gente de toda a freguesia e das freguesias vizinhas, entre a qual se vêem as pessoas de maior valor social desta freguesia.

C.

## Contribuições e impostos

Resumimos hoje os numeros publicados no Anuário das Contribuições e Impostos do ano de 1939, referentes ao imposto profissional.

O dos empregados por conta de outrem abrang: 48.325 collectas, menos 1.828 que no ano anterior.

As importâncias sobre que recaiu o imposto foram: sobre vencimentos, 549:679.050\$98; sobre gratificações,

16.169.052\$72;

sobre o produto de percentagens, 33.077.374\$03.

O imposto liquidado foi para as três categorias referidas, respectivamente, 11215903\$63 1 048 328\$55 e 2 653 149\$69.

Foram anulados, 1533588\$59 e ficaram por cobrar 30410\$70.

O maior número de colectas (42.417) recaiu entre 100 e 500 escudos. As maiores foram 46 entre 5 e 10 contos; 32 entre 10 e 20 contos e 32 superiores a 20 contos.

Nas profissões liberais o numero de contribuintes foi de 6.546, mais 257 do que no ano anterior.

A liquidação produziu

5.459.667\$37

de verba principal e os adicionais produziram 110.561\$06 para as Juntas de Província, 759.380\$52 para as Câmaras Municipais e 3.521\$02 para melhoramentos locais.

Foram anulados 206145\$11 e estavam por cobrar no fim do ano 43 627\$51.

Foram abrangidos por este imposto 2.239 médicos, 1.168 advogados, 619 professores do ensino secundário, 484 solicitores ou procuradores, 243 dentistas, 239 parteiras, 230 despachantes officiais, 221 mestres de obras, 136 engenheiros e 120 pilotos.

O Anuário traz minuciosa descrição das profissões por concelhos e importância das respectivas liquidações.

## Caiu no seu posto

Foi no Porto. Dois terroristas espanhóis fugiam à policia, armados de pistolas. Um legionário barrou-lhes o caminho. Estava desarmado. Mas era o seu dever. Barrou-lhes o caminho. Eles não hesitaram, fizeram fogo. O legionário caiu. Assassinado. Morto no seu posto.

Chamava-se José Baptista Costa. É um nome a fixar. O nome dum heroi, dum homem que soube sacrificar-se no cumprimento do seu dever.

Um nome a fixar. Um exemplo a seguir. Exemplo para os legionários. Exemplo para todos os portugueses.

José Baptista Costa—o legionário que, mesmo sem armas, travou o seu combate, em nome da Portugal eterno, contra as forças do ódio e da desordem, de crime e da destruição.

Mesmo sem armas... Mas que importam as armas? Ainda a melhor arma—e dessa sempre os portugueses se orgulharam—é um coração onde não cabe o temor.

**Nova hora**

Na próxima noite de 5 para 6 de Abril os relógios adiantam uma hora.  
Entra em vigor a chamada hora de verão.

**Pagamento de assinaturas**

Foram pagas na nossa recacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

António Simões, M.º Pequena  
António Rocha, Ribeira de Alge  
Eduardo José, Salaborda Nova

António Coelho, Vila Facaia  
D. Alda Pires, Aldeia das Freiras

Lúcio Coelho da Fonseca, Pobrais

Mannel Diniz de Carvalho, Pobrais

Manuel Rodrigues, Aldeia da Cruz

David Soares, Bairradas  
Joaquim General, Almofala de Baixo

**Aviso ao Comércio**

Abílio Henriques, casado, proprietário, morador em Vila Facaia, concelho de Pedrogam Grande, vem tornar público, que todas as dívidas contraídas por seu falecido filho Alfredo Henriques em nome da extinta firma Alfredo Henriques & Irmão, se encontram liquidadas, não se responsabilizando por quaisquer dívidas que possam aparecer em nome da referida firma.

Vila Facaia 4 de Março de 1941.

(a) *Abílio Henriques*

**Anuncio**

Comarca de Figueiró dos Vinhos  
2.ª Publicação

Faz-se saber que por este juizo e sua primeira secção, correm editos de vinte dias, citando quaisquer credores desconhecidos, para no prazo de dez dias, findos que sejam os dos editos e contados a partir da segunda e última publicação do respectivo anúncio, virem deduzir os seus direitos, querendo, nos autos de execução por custas e selos que o digno agente do Ministério Público nesta comarca, move a Ramiro da Costa David, divorciado, da Quinta do Moucho.

Figueiró dos Vinhos, 28 de Fevereiro de 1941.  
O chefe da 1.ª Secção  
*Jaime Ribeiro Sucena*  
Verifiquei a exactidão  
O Juiz de direito  
*Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» — N.º 529  
29 de Março de 1941

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA**  
Figueiró dos Vinhos

Reabriu o seu consultório no primeiro domingo de Outubro

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8



Agência de passagens e passaportes DE **António Rodrigues**

Legalmente habilitado pelo distrito de Lisboa

Vende passagens para toda a parte do mundo. Assim como trata de todos os documentos de embarque e militares e tira passaportes

Todas as pessoas que desejem embarcar para qualquer parte, devem procurar esta agência porque é a que mais barato vende passagens e com mais seriedade e rapidez trata de toda a documentação e responde a toda a correspondência

12-11

Travessa Nova de S. Domingos, 16, 1.º-E. — LISBOA  
(A' Praça da Figueira) **Telefone 27998**

**CAMISAS LIMPOPE**  
MARCA REGISTRADA

A única camisa com colarinho indeformável. A' venda no Estabelecimento de **Gustavo Coelho Godet.**  
Figueiró dos Vinhos

**Abilio da Conceição Rodrigues**  
Advogado Tel. 40  
Castanheira de Pêra  
Em PEDRÓGÃO GRANDE: todas as segundas-feiras até ao meio dia

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

SEDE — **LISBOA**

Filiais — Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

Agências — Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e

**Figueiró dos Vinhos**

Todas as operações bancárias

**Joaquim J. Fernandes**  
Médico Municipal  
Clínica geral  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

**J. Rodrigues de Oliveira**  
Médico da Casa do Povo  
Doenças de Pulmões — Partos  
Clínica Geral

— Consultório e residência: —  
Praça José Malhoa.

**João Leal da Silva Tendeiro**  
Médico Veterinário Municipal  
Clínica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

**PEDRA**

Vende-se qualquer quantidade para obra, e em grande parte já aparelhada para esquinhas, portas e janelas.

**Jerónimo R. Pinhão**

**Armazém de Ferro, Aço e Carvão**

**Ulisses António da Conceição**  
Pombal :- Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragem, ferrentaria, tintas e louças

**Materiais de construção**  
Artigos sanitários — Tubos de ferro grés e de fibro-cimento  
Agente-depositário de:

Cimento LIZ — Produtos LUZALITE — CERAMICA DE TAVEIRO  
Cal hidráulica MACIEIRA 24-20

- Os melhores preços -

**GÊLO**

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia do **Castanheira de Pêra**

**VENDAS A DINHEIRO Preços Fixos**

**A Casa do GUSTAVO**

apresenta aos Ex.mos Fregueses a mais alta novidade em cortes e diferentes gostos em crepes da China para vestidos lisos, estampados e lavrados, e o crepe próprio para casamentos, tanto nacional como estrangeiro.

Organdins lisos e lavrados, tobralcos, um colossal sortido em artigos leves para verão, padrões escolhidos para esta casa. Completo sortido em meias finas Kálio, Pyramide e outras marcas todas sem defeito. Panos para lençol cor e branco camisas para homem, camisas «Limpope» - venda com garantia - colar indeformável

Chapeus de cabeça, peugos para homem e criança. Todos os ex.mos noivos e famílias que precisem comprar os vossos enxovais, com uma pequena despesa vêm a Figueiró dirigidos ao Estabelecimento do GUSTAVO, onde encontrarão o sortido completo que lhes é preciso para esses fins.

Verificar sempre o nosso sortido e confrontar os nossos preços

**GUSTAVO COELHO GODET**

Figueiró dos Vinhos

**Carreira de Camionetes**

ENTRE

**Castanheira de Pêra e Lisboa**

DE

**BARREIROS & PINAZ**

**Garage AUTO-LYZ**

Rua da Palma — Lisboa

**EMPRESA DE CAMIONAGEM**

**A. J. ALVES & C.ª**

**Maçãs de D. Maria**

HORARIO DAS SUAS CARREIRAS

**Pontão — Pombal**

às Terças, Quintas e Domingos

	Chegada	Partida
Pontão	—	8,30
Ancião	8,50	9,00
Pombal	9,45	16,00
Ancião	16,50	17,00
Pontão	17,15	—

**Cabaços — Coimbra**

**DIARIA** — (excepto aos Domingos)

	Chegada	Partida
Cabaços	—	6,45
Alvaiázere	7,00	7,05
Pontão	7,50	8,00
Coimbra	9,30	16,30
Pontão	18,00	18,10
Alvaiázere	18,55	19,05
Cabaços	19,20	—

(Não se efectua nos dias 25 de Dezembro, 1 de Janeiro e dias de Carnaval).

A carreira **Cabaços-Coimbra**, de 16 de Maio a 30 de Setembro, sai de Coimbra meia hora mais tarde. 24-15

Equilíbrio instável

A's harmonias universais proclamadas pelo lucrativismo até aos fins do século passado e às hessanas que se lhe ergueram sucedeu o mundo das confusões de hoje, sucederam as pregações contra o progresso e as técnicas, a contemplação mística e abstracta, todo o passadismo que hoje se pretende impôr como panaceia universal. Frutos da época... a orgânica caminhando para o seu termo procura subsistir negando-se. Nos nossos dias confundem-se os factos e os valores, criam-se explicações dos fenómenos arquetipados «ad usum populi», confundem-se os interesses particulares com os gerais... etc.

E' o estertor macabro do sistema que, tendo cumprido o seu papel histórico, não se quer confessar ultrapassado.

As forças económicas do lucrativismo moderno sofrem oscilações tremendas em busca duma estabilidade sempre procurada e nunca obtida; os centros de gravitação da vida económica contemporânea («trusts», cartéis, etc.) celebram ininterruptos acordos tanto no plano nacional como no internacional que depois são necessária e consecutivamente violados. Mas chega um momento em que o sistema é sacudido por fenómenos que, sendo-lhe inerentes, o abalam até ao imo da estrutura: — são as guerras pelas partilhas de zonas de influência, pelos mercados mundiais.

Tudo isto cria as condições dialécticas da intervenção interessada do homem na superação duma civilização condenada pelas leis económicas. Mas o sistema, tão combatido a fim de se aguentar, socorre-se de tudo aquilo de que pode lançar mãos, todos os aliados lhe servem, todas as atitudes são moralmente defensáveis.

E' nisto que se encontra a explicação histórica da gigantesca mistificação contemporânea, do esforço de inconsciencialização e insensibilização. Já se não trata de conseguir uma aplicação que, servindo interesses restritos, contenha uma certa lógica interna, homogeneidade estrutural e poder de persuasão, visto tal ser impossível — a camisa de forças, tão artificialmente imposta às forças vivas que empurram a humanidade para frente, estala ameaçadoramente e ao mesmo tempo o palpar dessas forças acelera-se num ritmo grandioso denunciando o subterfugio. Por isso, actualmente, já não há grandes preocupações com a força de persuasão das explicações (desde as fornecidas pelos jornais diários até aos «altos estudos» dos académicos e filósofos oficiais), o essencial é confundir, mistificar de forma que o sentido concreto do desenvolvimento e as leis dialécticas se não revelem. Aquilo que se não proclama evidente e «dado primário da razão» em certo momento, é pouco depois desmentido pelos factos; as atitudes hoje louvadas e exaltadas, são amanhã anatematizadas; o herói de hoje é o réprobo do dia seguinte. Por uma transposição de *jongleur* pretende-se dar conteúdo universal, material e anímico a simples fórmulas vãs, sem sentido nos dias de hoje, visto não reflectirem qualquer necessidade de evolução histórica ou de libertação humana. (1)

Qualquer que seja a forma de organização lucrativista, estes fenómenos revelam-se sempre em toda a sua pujança embora de forma mais atenuada nuns casos, mais vincada noutros. (2)

Toda esta crise mental e intelectual, esta imensa crise de consciência gerada por aquela outra — a económico-social — (embora muitos neguem tal paternidade) é palpável, salta aos olhos, evidencia-se nos factos e problemas de cada dia.

Bruno de Moraes

(1) — E' o que se passa com a célebre trilogia do liberalismo que tendo correspondido em certo estado de evolução social a uma necessidade económica muito sensível — a da livre circulação de mercadorias e livre concorrência — não tem hoje qualquer sentido progressivo nem humano (este, alias, nunca o possuía). E' significativo do carácter especificamente lucrativa destes direitos humanos, diz um autor célebre, que a Constituição Americana, a primeira a reconhecer os direitos do homem, simultaneamente confirmou a escravidão das raças de cor então existentes na América. E' evidente que isto hoje é sensivelmente idêntico ao que se passava quando estas palavras foram escritas — meados do século XIX. Só o formal mudou mas o fenómeno é o mesmo e até quantitativamente muito mais vasto.

(2) — Na Inglaterra (país modelo para muitas pessoas) e em circunstâncias normais, cada individuo tem o direito de votar em cada cincoanos para um representante no Parlamento. E' verdade que mesmo este direito pôde ser restringido pelo actual tipo de candidato por quem os individuos tem a oportunidade de votar; o facto de ser necessário um depósito de 150 libras para um candidato ser elegível, e de cada candidato precisar de alguns centos de libras para uma propagação eleitoral eficiente, restringem severamente o possível número de candidatos na maioria das circunscrições eleitorais. Um partido politico com um candidato em cada circunscrição, gastará, no caso de eleições gerais, 90.000 libras antes de os candidatos serem nomeados e pelo menos 300.000 para uma campanha eficiente. Isto, evidentemente, inutiliza muitos votos. — E. BUNAS.

As praias encantadas

Anda tudo a perguntar:  
— Onde estão as praias de ouro onde vamos descansar?

Onde estão que não as vemos, as praias ricas do sonho? quando é que lá chegaremos?

Quando é que lá chegaremos!...

E toda a gente que passa se dirige para o cais, para perguntar aos barcos e às ondas que vão e vêm:  
— Onde são as praias de ouro?

Mas não responde ninguém

Sou eu não pergunto nada... Olho as névens que se afastam e se fundem com os ventos.

Olho o fumo, e vou com ele até o ver diluir

junto do vento e das nuvens. Passamos a terra inteira; damos a volta ao oceano; vamos ao fundo do mar; subimos até ao céu...

No céu, no mar e na terra vemos os mesmos trabalhos, as mesmas mãos calejadas, as mesmas bocas famintas, as mesmas faces suadas e a mesma pergunta ansiosa:

— Onde ficam as praias encantadas?!...

João Tendeiro

Notas de hoje

por Guilherme de Melo

Tem um grande interesse, observarem-se quotidianamente, as correspondências de província dos jornais. Até há pouco, a sua pobreza de conteúdo não chamava a atenção. Mas a Segunda Grande Guerra Imperialista Mundial veio ensinar os correspondentes, a porerem mais em destaque todos aqueles problemas que já antes existiam mas que eles não viam ou faziam que não viam. Agora fazem-se ecos dos reflexos da catástrofe, lançando passo a passo no descrédito todas as jactâncias de bonança. Todos vão sentindo que a bonança é bem relativa: o peixe vai encarecendo, a carne e o leite distanciam-se cada vez mais da bolsa modesta, falta o trabalho... Quere dizer: pagamos já — e bem — para uma guerra entre interesses económicos que nos são alheios.

Não somos pela Inglaterra nem pela Alemanha. Os que tomem qualquer dessas duas atitudes são imperialistas, isto é, partidários da nova partilha dos maiores mercados do Mundo entre capitalismos estrangeiros. Ora o facto de este mercado ficar para uma parte ou para a outra nada interessa à felicidade do povo português.

E é a defeza desta felicidade que deve constituir a nossa maior preocupação. O trabalho mais útil do nosso povo é a luta contra a carestia da vida, resultante duma guerra económica a que somos estranhos.

Do relatório do Banco de Portugal (1840):

«Nos países neutros, começaram a sentir-se as dificuldades derivadas da forte concentração do comércio internacional e é natural que estas dificuldades se acentuem com o decorrer da guerra»

«Na maioria dos países da Europa, os últimos indices conhecidos apresentam agravamentos do custo da vida, que vão de 15 a 40 por cento»

«Quanto à economia portuguesa, aos entraves e dificuldades que lhe foram causados pelo grande conflito internacional, vieram juntar-se os efeitos de mais um ano agrícola francamente adverso»

Alves Redol, o conhecido autor do romance «Gaibeu», acaba de publicar um novo romance: «Marés».

Transcrevemos do «Comércio do Porto» de 19.3.41: «A Europa está a tornar-se esfomeada», «Homens e mulheres, que podiam cultivar os campos, ou estão sob as armas, ou se empregam no fabrico de material de guerra. A gasolina e o petróleo que podiam mover caminhões para o abastecimento pacifico de géneros alimenticios, fazem girar aviões e «tanks». As reservas acumuladas, na antecipaçao da guerra, estão a esgotar-se. Na opinião de muitos economistas, a produção baixou, provavelmente, mais de 40 por cento». (do Reporter da U. P.)

A situação da mulher na família

Com raríssimas excepções, a mulher está colocada num plano nitidamente inferior ao do homem, quer como esposa, como irmã ou filha.

E se essa posição impressionava muitas mulheres para quem o «hábito faz lei» e a quem parece extraordinário que se debata esta questão, outro tanto não sucede áqueles que não perderam de todo a sua personalidade.

Tal situação pode ser duma ausência absoluta de vida intelectual, cuidadosamente vigiada ou então outro género de «vida intelectual» idêntica em absoluto à paterna que será aceita sem discussão.

Em pouco diferem os dois géneros de educação; ambos reduzem a mulher a uma triste irresponsabilidade.

A propósito desta maneira «nada cerimoniosa» de «impingir» às filhas formulas feitas, alguém comentou o facto do seguinte modo:

O Pai abre-lhe a boca, introduz-lhe a mão pela garganta abaixo, tira-lhe tudo que encontra e enfiase lá dentro. Quando julgamo falar com a filha, falamos com o Pai.

Como a supremacia económica do homem se faz sentir em todos os campos (material, intelectual e moral), é um meio de defesa para a mulher conservar-se alheia às questões do pensamento, pois assim se encontra apta a aceitar «na integra» todas as opiniões daquelle que de futuro será seu mentor.

Uma vez na dependência do marido, conserva-se arredada dos problemas do pensamento a que chama «questões para homens» sem ver a gravidade da traição que comete contra o papel da mulher na sociedade, ou, continua a aplaudir inconscientemente as palavras do monopolista das ideias no lar.

E' neste ambiente que são educadas as novas filhas cujas condições não diferem das anteriores.

O pai pontifica, auxiliado pelos aplausos da esposa ou pela sua indiferença. Começam a cair aquelas «verdades» ditas com tanta certeza que não admitem dúvidas.

Mas as novas são irreverentes... e surge uma pergunta que abala todo o edificio. Encontrada uma resposta honesta ou deshonesta que rapidamente destrua o efeito da pergunta nos assistentes, continua a sua «marcha triunfal» ostentando bandeiras que outros lhe entregaram e cujo valor ainda não mediu.

E as irreverências vão abrandando porque se a resposta não satisfaz a curiosidade daqueles tenros cérebros, logo vem a repressão do atrevimento de quem quere pôr em dúvida verdades tão «indiscutíveis» que já eram conhecidas dos seus avós e que se metem pelos olhos dentro.

Se isso não basta, lá vão nomes de pessoas quasi omniscientes (algumas até estrangeiras) e como ultimo recurso o ultimatum: — fechar a boca e aprender a deixar de ser desobediente.

A maior parte das vezes uma vida suave convida a não criar dificuldades que podem estragar aquella «harmoniosa concordância» além de que a convicção também é contagiosa...

Há assuntos em que podem as filhas tomar a palavra: musica, linguas, bordados e cozinhados.

Neste ambiente crescem as jóvens que amanhã vão ser esposas e mãis e que vão sem dúvida aplicar este processo de educação porque não conhecem outro.

Casos há em que a vontade de saber, a necessidade de colaborar na Vida conscientemente, não acei-

A canção do marinheiro

A canção que o marinheiro trauteava baixinho falava de homens perdidos no mar alto, duma mulher fria e igual do mesmo pôrto e de qualquer e da vida nova que lhe escorregava das mãos como um cabo encerado Cantava esta moda triste quando a terra era uma realidade debaixo dos pés e os sonhos das noites sem lua e sem estrélas fugiam mais uma vez p'ra nunca mais... E então seus olhos na noite pareciam, punhais, pareciam punhais!

João Carlos

tam a atitude passiva que lhe impõem e trava-se a luta contra os fantasmas do passado. Depressa se derruba aquêlê exército de velharias aos olhos da vencedora apresenta-se um vasto campo de acção onde a sua actividade não tem de esperar por applicação útil.

Estes casos são raríssimos, mas vão aparecendo.

As dificuldades económicas arrancam as meninas da lição do piano e ao «luxo» atiram-nas para a rua onde a sua vida começa a ter um aspecto diferente do que lhe apparecera até ali.

A concepção que faziam da vida lendo aqueles livros que lhes chegavam às mãos e que levam na capa o insultuoso título de «literatura feminina» era bem falsa...

Mas o mórno ambiente não as deixava ver o engano.

Agora é realidade que se apresenta sem disfarces.

Prepararam-se para a enfrentar. Começa a luta.

Começam a ser varridos os conceitos falsos, mas, na maioria dos casos, deixam vestígios que custam a desaparecer.

A transformação é demorada, mas as suas causas actuaes sem descanso.

Aparecerá a mulher moderna, a mulher que trocará a vida dos salões pela vida ao ar livre, que apreciará a camaradagem e desprezará a etiqueta.

A mulher consciente que trabalhará ao lado do homem com igualdade de direitos e deveres, que participará nas realizações de uma juventude cheia de confiança no futuro.

Aparecerá, enfim, a mulher humana.

Raúl Barros

Uma voz distante

De romotos confins, de Port-of-Spain, na Ilha da Trindade, chegam-nos novos testemunhos de simpatia pelo nosso país: o jornal «The Catholic News» publica um interessante artigo acerca da renascença católica em Portugal e, referindo-se à missão cristã do nosso país, salienta o piedoso acolhimento que Portugal dispensou aos refugiados da guerra.